

## PAINEL

### OFICINA DE ESTÊNCIL NO ORFANATO JESUS MARIA JOSÉ

*Carlos Robério Silva - Graduando  
Prof. Dr. Fábio José Rodrigues da Costa – Orientador*

*Universidade Regional do Cariri – URCA  
Centro de Artes Reitora Violeta Arraes de Alencar Gervaiseau*

O Orfanato Jesus Maria José existe na cidade de Juazeiro do Norte/Ceará desde 1916 quando foi criado pelo Pe. Cícero Romão Batista e, atualmente, atende aproximadamente 150 crianças e adolescentes oriundas das comunidades mais pobres da cidade. Nesta instituição foi desenvolvida uma ação educativa em formato de oficina proposta a partir da Disciplina Estágio Supervisionado em Ensino das Artes Visuais. A linguagem do Estêncil é uma técnica tão antiga e que consiste no uso de uma matriz própria para gravar imagens em qualquer superfície. A oficina consistiu de três etapas: o desenho de observação, a confecção da matriz e a gravação da imagem. A este processo soma-se a apreciação de trabalhos de artistas anônimos e de artistas reconhecidos pelo cânone da arte possibilitando aos participantes refletirem sobre os elementos constituintes desses trabalhos e estabelecer conexões acerca da linguagem da gravura. No processo de experimentação do Estêncil foi agendada uma visita ao Centro Cultural Banco do Nordeste do Brasil - CCBNB Cariri, com o objetivo de conhecermos a dinâmica deste equipamento cultural e dialogarmos com os trabalhados do Diógenes Chaves, artista paraibano que utiliza a linguagem da gravura e que na ocasião estava exposto no CCBNB. Durante a oficina o Orfanato se tornou laboratório e atelier para as experimentações, reflexões e interpretações dentro do processo de ensino e aprendizagem, pois a relação com estes sujeitos se mostrou uma troca de experiências intensas e ao mesmo tempo enriquecedoras.

**PALAVRAS-CHAVE:** Arte Urbana; Arte/Educação; Estágio Supervisionado.

#### 1. Introdução

O presente painel traz a continuidade do meu processo de formação em Licenciatura Plena em Artes Visuais, dentro da disciplina de “Estágio Supervisionado em Ensino das Artes Visuais I”. Neste momento nosso campo de atuação se deu em diversas ONG’s existentes no Triângulo Crajubar<sup>1</sup>.

As organizações não governamentais - ONGs se constituem atualmente em espaços de grande potencial para o ensino da arte. Houve uma grande expansão dessas instituições sociais a partir da década de 90, principalmente, aquelas que atendem crianças e adolescentes em situação de risco com o intuito de integrá-las totalmente à dinâmica da sociedade. Para alcançarem este objetivo, contam como principal eixo norteador as linguagens artísticas para a estruturação de suas atividades (CARVALHO, 2008).

No meu caso, minha ação se concretizou no Orfanato Jesus Maria José (Imagens 1,2 e 3) que, apesar de ser denominada uma entidade filantrópica, mantém um “Caráter Sócio-Educativo e Cultural de Assistência a Crianças e Adolescentes em situação de pobreza e riscos”<sup>2</sup>. Existente desde 1916 na cidade de Juazeiro do Norte/Ceará atende cerca de 150 crianças e adolescentes oriundas das comunidades mais pobres desta cidade.

Para esta instituição propus uma ação educativa em forma de oficina para experimentar a linguagem do estêncil, técnica esta tão antiga que consiste em uma matriz

<sup>1</sup> O Crajubar compreende as seguintes cidades: Crato, Juazeiro do Norte e Barbalha e faz parte da Região do Cariri situada ao sul do estado do Ceará.

<sup>2</sup> De acordo com o projeto pedagógico da instituição.

própria para gravação de qualquer imagem em qualquer superfície. Tal técnica foi trazida para o campo das Artes Visuais nos anos 70, se constituindo assim na linguagem artística que conhecemos atualmente como Stencil Art, uma linguagem utilizada na intervenção urbana das grandes cidades através de imagens criadas, apropriadas ou ressignificadas. Com este enfoque a oficina proporcionou ao público atendido por esta instituição uma maior compreensão e aproximação desta linguagem artística.



Imagens 1, 2 e 3: Frente do Orfanato Jesus Maria José. Fotos: Carlos Robério

## 2. Stencil Art: Conexões e Diálogos com outras linguagens

Desenvolvi a oficina com duas turmas compostas de crianças e adolescentes de 09 a 14 anos. A metodologia utilizada buscou amparo na *Abordagem Triangular* proposta pela arte/educadora Ana Mae Barbosa, que consiste na leitura/interpretação, contextualização e experimentação artística. Desta forma, todo o processo foi permeado pelo fazer artístico, pela análise de obras de arte e pela contextualização histórica, social, estética, etc. Enfim, “um conhecimento que nas Artes Visuais se organiza inter-relacionando o fazer artístico, a apreciação da arte e a história da arte” (BARBOSA, 2009, p. 33), com o objetivo de formar sujeitos conhecedores, fruidores e decodificadores da obra de arte.

A primeira etapa deste processo se deu com o Desenho de Obsevação (imagem 4), por considerar que a linguagem do Desenho é o ponto inicial da construção de uma imagem, de um projeto, senão a base de outras linguagens visuais e o encontro destas que possibilita uma gama de percursos criadores a serem tomados para a construção do trabalho artístico: “*O desenho se torna a linguagem para visualizar idéias como um pensamento visual que intermedeia diálogos com outros suportes e alimenta a concretude do conceito que faz nascer as obras.*”<sup>3</sup>

Distribuí lápis, borracha, folhas de sulfite tamanho A4 e prancheta a cada um dos alunos para que desenhassem o que observavam na parte externa do Orfanato. Atentei para observarem as formas dos objetos que nos rodeiam, suas silhuetas, comparassem com as formas geométricas que conhecemos: círculo, quadrado, elipse, retângulo, etc. Desta forma, permitindo aos alunos trazerem a realidade que conhecem para dentro do espaço delimitado pela folha em branco, já que o desenho nos permite uma relação muito mais próxima com o mundo que vivemos. O Desenho nos permite uma interpretação muito íntima com o que nos rodeia, com o que observamos: uma tradução particular do que vemos.

(...) A palavra “desenho”, como designo, está conectada com traçado, risco, projeto, plano; com forma, feitio, configuração. Sentido aberto que permite apontar o ato de desenhar como algo presente no cotidiano do ser humano, seja desenhando com a boca numa bolacha, seja com os dedos na vidraça embaçada, seja no carro sujo, ou

<sup>3</sup> Regina Silveira: Linguagens Visuais. Material Educativo para professor-propositor, elaborado pelo Instituto Arte na Escola, 2006, págs. 3-4.

seja com qualquer material – faca, caneta ou lápis de cera – nas mesas de um bar, em guardanapos ou em qualquer pedacinho de papel ao lado do telefone. (MARTINS, 2007, pág. 266).

Percebo nesta etapa que a maioria não se arrisca a reproduzir os objetos presentes no seu cotidiano; para eles o mais fácil era reproduzir desenhos existentes nas paredes daquela parte externa do Orfanato, realizados em oficinas passadas naquele espaço. Comentando posteriormente este primeiro momento em um dos encontros com o supervisor do estágio, percebo que deveria ter explorado mais: deveria levá-los a observar o que os rodeia fora daquele lugar, pois a leitura de mundo não se traduziria somente ali, e sim bem mais além de onde estavam situados. Desta forma estariam exercitando a consciência de onde e como estariam inseridos neste espaço.



Imagen 4: Participantas realizando desenhos de observação nas dependências do Orfanato. Foto: Carlos Robério

A segunda etapa consistiu na confecção da matriz a ser usada posteriormente na gravação da imagem. Nesta etapa foram estabelecidas muitas conexões com o campo da Gravura, como neste caso em que a matriz é um elemento fundamental tanto para a Stencil Art como para as linguagens que constituem a Gravura.

As matrizes feitas pelos participantes (imagens 5, 6 e 7) foram construídas em folhas de tamanho A3 a partir dos desenhos de observação. Foi enfatizada mais uma vez a relação das formas geométricas com o que identificamos ao nosso redor, seja um desenho que produzimos, seja o que a natureza nos revela, seja um objeto feito pelo ser humano. Também exercitamos o quanto é importante na Stencil Art a ampliação e separação dos elementos geométricos identificados nos desenhos para a gravação posterior da imagem.

O vazamento das matrizes se mostrou um momento desafiador para os participantes, já que exigiu destes bastante atenção e coordenação motora. Na Stencil Art é comummente usado um estilete para o recorte das imagens; contudo, tal ferramenta foi substituída por tesouras sem pontas a fim de evitar possíveis acidentes.



Imagens 5, 6 e 7: Matrizes produzidas pelos participantes durante a oficina. Fotos: Edvânia Santos

Na terceira etapa vivenciamos o momento mais esperado pelos participantes: a gravação da imagem construída (imagem 8). Para a realização desta etapa o grupo elegeu um local externo do Orfanato. Tal posição recebeu acolhimento uma vez que entendo que a aula não acontece somente a partir das decisões do professor, mas em conjunto com os alunos. Também comprehendo que a aula não ocorre somente numa sala de aula, e que diversos locais são potenciais espaços para a educação.

Com as matrizes prontas, gravamos as imagens em folhas mais resistentes – neste caso, utilizamos a folha Paraná, conhecida localmente como *papel de sapateiro*. Utilizamos tinta guache escolar e pedaços de espumas com o intuito de experimentarmos a diversidade de materiais corriqueiros possíveis para a gravação imagética. Os alunos ainda foram provocados a trabalharem com os materiais de diversas maneiras para que conseguissem novas composições em seus trabalhos. Alguns gostaram tanto da experiência que pediram as tintas que haviam sobrado para usar em casa.

Ainda dentro do processo de gravação foi experimentado outro tipo de tinta e outro suporte: a aplicação de tinta de esmalte sintético – também conhecida como tinta spray – sobre as camisetas que cada aluno havia trazido. Este momento foi muito interessante, já que para eles o uso da lata spray era uma novidade, ainda mais vendo uma possibilidade de registrar suas imagens em um objeto tão pessoal.

Os conhecimentos adquiridos por estes alunos foram aproveitados para a confecção de placas de sinalização de trânsito para as aulas de “Educação no Trânsito” (imagens 9, 10 e 11), existentes no Orfanato.



Imagen 8: Participantes da oficina no processo de gravação da imagem. Foto: Edvânia Santos



Imagens 9, 10 e 11: Placas de Sinalização de Trânsito feitas pelos participantes para as aulas de “Educação no Trânsito”. Fotos: Edvânia Santos

A apreciação e discussão de trabalhos artísticos fez parte em momentos distintos da oficina. Trabalhos anônimos de Stêncil, da Pop Art realizados por Andy Warhol e de Claudio Tozzi. Estes exercícios se constituíram em um campo de percepção e comparação do pensamento gráfico, das formas e linhas, dos processos constituidores da Stencil Art e da Gravura.

É importante destacar a visita dos alunos/as à exposição do artista paraibano Diógenes Chaves, que estava expondo trabalhos artísticos realizados com a linguagem da serigrafia no Centro Cultural Banco do Nordeste – CCBNB Cariri (imagens 12, 13 e 14). A visita a exposição possibilitou conexões e construção de conhecimento sobre a Gravura, desta forma mostrando que

(...) Numa visita educativa a uma exposição de um determinado artista, pode-se acessar diferentes conhecimentos como o conteúdo das obras de arte, a biografia do artista, o contexto em que ele viveu, sua produção artística, as técnicas utilizadas etc, trabalhando interdisciplinarmente e convocando a sensorialidade, as diferentes percepções e indagações dos sujeitos, dimensões nem sempre solicitadas na sala-de-aula do ensino formal. (ALENCAR, 2008, pag. 30)

Somado às reflexões e experimentações a visita a exposição permitiu conexões acerca do processo vivenciado pelos alunos. Além da visita à exposição os alunos conheceram todo o prédio que abriga o Centro Cultural, de modo que este se mostrou um ambiente de descobertas e suscitações da Cultura e da Arte.



Imagens 12, 13 e 14: Visita dos participantes da oficina ao CCBNB Cariri. Fotos: Edvânia Santos

### 3. Considerações

Confesso que esta etapa do Estágio até agora fora bem mais difícil e conflituoso. Acredito que os momentos vividos na oficina foram sim bastante proveitosos para os alunos e um aprendizado constante em meu processo de formação. Porém não creio que esta oficina atingira todas as dimensões educativas a que se propunha.

A sala de aula é um ambiente mutável, se modifica a cada momento, onde é preciso estar atento a cada instante para que se consiga acompanhar o seu ritmo. Cada aluno é um universo ambulante que contribui para a variação deste espaço. A sala de aula, por ser este lugar tão dinâmico e diverso, demonstra enormes desafios para sua compreensão e consequentemente desafios também acerca de nossa docência futura.

Quando entramos em uma sala de aula trazemos uma bagagem cultural que muitas das vezes se traduz em vícios. Analisando minha atuação na oficina, percebo que algumas vezes exigia dos alunos uma postura quase que única, homogênea ao chamar a atenção deles para a explicação do conteúdo. Sem perceber que estes tinham naquele momento seus anseios, suas angústias, suas influências, a sua maneira de ser e estar no mundo como humanos.

Outra dificuldade que encontrei algumas vezes é conectar as aulas com outros elementos que levassem os alunos à reflexão. Isso também se traduz no repertório que obtive em minha vida escolar, onde nos é transmitido que o conhecimento se constitui em saberes fragmentados que não se relacionam.

Dentro do processo que vivenciei sempre me questionava: será que estou conseguindo de fato permitir ao outro estar se educando a partir de mim? Estou propondo realmente um ensino em que a Arte é conhecimento? E eu, estou mesmo compreendendo minha formação neste processo?

Quando me encontro nestes questionamentos sempre me remeto à dissertação de mestrado de Valéria Peixoto de Alencar ao refletir sobre as palavras „perspicácia“, „talento“, „intuição“ ou „talento artístico“ a partir do pensamento de Schon (ALENCAR, 2008, p.19). Fico me perguntando se realmente tenho alguma espécie de talento artístico para lidar com as tais “zonas indeterminadas da prática”, o que eu entendo neste processo como as situações inesperadas que se vivem na sala de aula, e como pensar de imediato para resolvê-las no contexto de minha atuação como um mediador em processo de formação inicial no Curso de Licenciatura Plena em Ensino das Artes Visuais.

#### **4. Referência Bibliográfica**

- CARVALHO, Lívia Marques. O Ensino de Artes em ONGs. Cortez, São Paulo, 2008.
- BARBOSA, Ana Mae. A imagem no ensino da Arte: anos 1980 e novos tempos. Ed. Perspectiva, São Paulo, 2009.
- MARTINS, Mirian Celeste. Um Galo com quatro patas!. IN: DERDYK, Edith. Disegno. Desenho. Desígnio. Senac, São Paulo, 2007.
- ALENCAR, Valéria Peixoto de. O mediador cultural : considerações sobre a formação e profissionalização de educadores de museus e exposições de arte (Dissertação de Mestrado). UNESP, São Paulo, 2008.
- SAPIENZA, Tarcísio Tatit. Regina Silveira: linguagens visuais/Instituto Arte na Escola (Coordenação de Mirian Celeste Martins e Gisa Picosque). São Paulo, Instituto Arte na Escola, 2006.